

KÁTIA DE OLIVEIRA CARVALHO, NUBIA DE SOUZA LEAL.

**O PROFESSOR E O MEIO ESCOLAR: CONFLITOS DO TRABALHO
DOCENTE**

SORRISO/MT

2017

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo, analisar opiniões de profissionais da educação pública, no que diz respeito à valorização do professor, e as condições do ensino público, considerando as dificuldades encontradas no desempenho de sua função. Para tanto foi realizada uma pesquisa de campo com três professoras, duas da Educação Infantil (1 e 2) e uma do Ensino Fundamental (3) que atua desde 2009 no CEFAPRO (Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica) atendendo a 15 municípios da região norte do Estado. A entrevista nos proporcionou uma aproximação com a realidade escolar e nos mostra algumas questões estruturais e organizacionais que corroboram para a situação de descrédito, desrespeito e desvalorização dos profissionais, tendo como corresponsáveis o poder público, os pais/responsáveis e até mesmo os próprios profissionais. Leituras sobre problemas encontrados na profissão docente na atualidade possibilitaram, primeiramente, verificar de quais formas a questão é abordada em pesquisas da área. Através das entrevistas com docentes, buscamos evidenciar e entender as condições em que se encontra o ambiente escolar. Foi realizado também, um levantamento sistemático através de leituras de alguns periódicos e revistas, com objetivo de subsidiar e fundamentar-nos sobre o assunto.

Palavras-chave: Profissionais da educação. Valorização. Alunos.

INTRODUÇÃO

Queremos observar, inicialmente a complexidade e relevância do tema, enfatizando o lócus da pesquisa, as dificuldades no trato entre Professores e alunos, a valorização do trabalho no processo ensino-aprendizagem uma vez que este foi o motivo para a realização da presente pesquisa. Acredita-se que por trás da relação ou má relação, professor-aluno possa haver um fator mais intrigante e profundo que torne difícil essa convivência. Toda relação humana é passível de conflitos, uma vez que o confronto de ideias é presença indiscutível entre os seres humanos. Nesse sentido, vemos a relação professor- aluno como reflexo das relações sociais, onde cada um defende o seu espaço sempre buscando um “culpado” para os resultados encontrados quando esses forem negativos. Vivemos em uma sociedade capitalista onde os valores se transformam, as famílias se desagregam, pais são obrigados a trabalhar fora de casa para garantir o sustento e a qualidade de vida aos filhos. Essa nova postura acaba refletindo na falta de tempo para acompanhamento das atividades escolares e é delegada aos Professores a responsabilidade de não somente ensinar aquilo que prevê o currículo escolar, mas para, além disso, passa a ter também a função de “educar”. Não temos interesse em colocar em questão qual é o melhor tempo para se viver, se hoje ou ontem, nada de saudosismo, mas é importante observarmos quais as dificuldades presentes nas relações escolares de ontem e de hoje, nas relações humanas que podem influenciar e influenciam o processo ensino-aprendizagem considerando que obviamente os tempos mudaram. As escolas recebem alunos com uma grande diversidade de jeitos, vivências, saberes, situação financeira, classe social. Crianças auto-suficientes, desafiadoras e crianças completamente carentes que necessitam não de um professor, mas de um encorajador, de um orientador para que auxilie a definir que destino tomar e “para que o professor desempenhe seu trabalho de forma a atingir seus objetivos, o estabelecimento do vínculo afetivo é praticamente obrigatório.” (CODO e GAZZOTTI, 1999, p.55).

Para que tenhamos uma sociedade melhor é imprescindível que haja compromisso, responsabilidade e participação de todos os autores que envolvem o mundo de cada criança a fim de compreender e contribuir para que sejam seres plenos.

Para Gauthier (1999), na atualidade o professor continua tendo a tarefa de seduzir seus alunos ou, mais do que isso, persuadí-los: “[...] persuadir é influenciar por meio da palavra e do

gesto, é seduzir a mente e o coração ao mesmo tempo. Nesse sentido, o trabalho docente é um verdadeiro trabalho emocional.” (GAUTHIER, 1999, p. 19-20).

O que costumamos presenciar nas escolas são espaços onde o professor é desrespeitado, sendo lhes atribuído o papel dos pais e como estes por vezes não dão conta de desempenhar sua função por trabalharem fora, por não terem uma estrutura sólida familiar, por geralmente não terem possibilidades de acompanhar a vida da criança, então culpam os Professores e atribuem-lhes uma tarefa que é sua deixando esse profissional no descrédito.

O desmando contra professores é imenso, a desvalorização passa pela questão financeira, falta de condições estruturais de trabalho, e enraíza na questão do respeito ao ser humano, ao profissional. Temos hoje um quadro preocupante de profissionais que não desejam continuar na profissão especialmente pela falta de trato que recebem de pais e alunos que os apontam, na maioria das vezes, como únicos culpados pelo fracasso escolar do filho. De outro lado desse octódromo estão os alunos que não conseguem aprender satisfatoriamente no tempo específico, não querem e não gostam do que lhes é oferecido pela/na escola. Avaliam que é um lugar nada interessante e não reconhecem no ensino uma saída para a ascensão social. Então é perceptível que estamos em um círculo vicioso onde culpados e vítimas se revezam.

Dessa maneira os culpados, primeiramente são o aluno e a família, “[...] mas vai além, recai sobre o professor e a escola. Nossa categoria passa por uma desmoralização: somos incompetentes, somos descomprometidos, somos uma categoria muito heterogênea. A culpa está em todos, menos no poder que gera essa situação.” (DOTTI, 1992, p.24-25).

O educador deve procurar sempre ouvir e saber conversar com os seus alunos. Orientar da melhor forma possível, alertando dos perigos, das armadilhas do nosso dia-a-dia. Abordar sempre que a responsabilidade é fundamental para o crescimento humano. Procurar compreendê-los e mostrar de maneira simples e objetiva os caminhos viáveis voltados para a família, aos amigos, e para si mesmo. Podemos traduzir isso na fala de Paulo Freire em seu Livro Virtudes do Educador (1985).

O Professor necessita manter uma coerência entre o seu discurso e sua prática, ou seja, não apenas falar, mas demonstrar em suas atitudes e ações que está sendo condizente assim consegue o respeito de seus alunos. Respeitar o tempo de seus alunos contextualizando e buscando maneiras de tornar sua aula interessante. A partir do momento que se acabam o respeito entre ambos, perde-se também a confiança. Partilhar é uma necessidade entre professor e aluno.

As questões relacionadas aos desafios que se colocam para os professores nas condições de adversidade, considerando aqui as precárias condições sociais da maioria dos alunos de escolas

públicas e de seus familiares, nos fazem refletir um pouco mais sobre a problemática situação da rede pública de ensino. Devido a uma série de fatores sociais tais como a violência, a desvalorização do profissional da educação, a falta de estrutura nas escolas, a pobreza, as drogas, faz com que a relação entre professor e aluno seja desgastante. Então o professor [...] ‘tende a se culpar desde seus primeiros encontros com a realidade cotidiana do magistério, porque em muito pouco tempo descobre que sua personalidade tem muitas limitações que não se encaixam no modelo de “professor ideal”, com o qual se identificou durante o período de formação inicial’. (ESTEVE, 1999, p.50).

A PROFISSÃO PROFESSOR E O AMBIENTE ESCOLAR

A complexidade do trabalho do Professor está carregada de significados históricos sendo que seu ideal está apenas na imaginação da categoria já que a realidade é dura e não contempla aqueles que buscam realizar seu papel com compromisso e amor. O fracasso escolar costuma ser atribuído tão somente ao Professor colocando em xeque o papel que desempenhou ao longo do ano impondo-lhe uma responsabilidade negativa sem conhecimento prévio e profundo daquilo que é desejado para a educação atual. Assim, o profissional vai ficando cada vez mais frágil indefeso e se colocando no anonimato, no isolamento deixando cada vez mais longe suas utopias. Pais, alunos e sociedade civil em geral, são corresponsáveis pela valorização e pela qualidade do ensino.

A multiplicidade de papéis do Professor é outro fator preponderante no resultado negativo dos alunos e que deve ser levado em consideração haja vista que o profissional tem que se desdobrar entre o acúmulo das tarefas, a burocracia de registros e ainda a educação, além do ensino-aprendizagem.

Conforme entrevistas feitas com as três professoras da rede pública, procuramos colher opiniões a respeito da valorização do professor em nossos dias atuais. Fizemos a seguinte pergunta: “De que é que os Professores se queixam?” A resposta da entrevistada 1 foi: “Nos queixamos da desvalorização que temos como Professor, de Leis que faltam para nos amparar e com a falta de respeito que os governantes nos atendem”. A entrevistada 2 disse respondeu: “Das salas lotadas, da falta de apoio dos governantes e da desvalorização da classe”. A professora 3 diz que: “O principal motivo de queixa dos professores é a desvalorização profissional e o salário. Na sequência está a indisciplina dos alunos e a falta de estrutura escolar”.

Através das respostas podemos observar que a profissão Professor não está sendo valorizada como deveria, principalmente pelos governantes, pelos pais e até mesmo pelos próprios alunos. A falta de infraestrutura também acaba contribuindo para que o ambiente escolar, não seja tão acolhedor como deveria. Para ODELIUS E BATISTA (1999, p.161).

Existem duas razões principais para se estudar infraestrutura das escolas. A primeira trata das condições físicas de trabalho, no que tange à atividade-fim – a educação propriamente dita – diz respeito aos meios disponíveis para um trabalho mais confortável, menos desgastante, mais prazeroso e por isso mesmo mais produtivo, além de mais saudável para o trabalhador. A segunda razão é a de que estamos falando de educação, um trabalho de importância social inegável e colocado no centro das estratégias de desenvolvimento, particularmente para o

Brasil, afinal melhor infraestrutura está relacionada com melhor qualidade de ensino.

A infraestrutura educacional é um dos componentes fundamentais no resultado da qualidade da educação como um todo. O profissional da educação acaba se desmotivando para o ensino, por falta da valorização de sua profissão, além de infraestruturas inadequadas e ainda não recebem o devido valor como agente de transformação social. Quando são mal remunerados e para estabilizar a sua situação financeira são “obrigados” a trabalhar em tempo integral, não raro, em várias instituições, não possuindo assim tempo para a sua formação, para dedicar-se mais aos alunos como indivíduos com especificidades, para o lazer e o descanso.

Nas escolas existem vários modelos de Professores entre eles estão, os mais populares e os menos populares entre os alunos ou até mesmo entre seus colegas de trabalho. Referente a isto fizemos as seguintes perguntas para as docentes 1 e 3: “Quais os Professores mais populares da escola? O que é que parece fazê-los populares entre os Professores? E entre os alunos?” ; “Quais os Professores de quem menos se gosta na escola? Por que razões?” A entrevistada 1 disse que os professores mais populares da escola são, “aqueles que estão sempre se destacando nos trabalhos, nos conteúdos e até mesmo a simpatia e companheirismo que poucos têm, e muitas vezes ser parceiros dos colegas e sempre estas juntos”. Já os menos populares “que são mais na deles, não compartilham seus saberes e conhecimentos com os outros, têm dificuldade em se relacionar, nunca gostam de novidades muito menos de métodos”. A entrevistada 3 acredita que:

O mundo mudou, muda freneticamente, porém a escola não mudou. Continuamos querendo que nossos alunos sejam apenas recebedores daquilo que definimos como necessário e importante. Isso faz com que o ambiente escolar, na maioria das vezes, seja um lugar não muito atraente. A postura da maioria dos colegas Professores também costuma ser um pouco difícil. Geralmente estão estressados, apressados o que impede que tratem seus alunos com um pouco mais de “humanidade”. Acontece que temos duas categorias de Professores que são vistos como os mais legais, pois suas aulas são bem leves, mais interessantes, com brincadeiras, descontração, menos cobranças possibilitando que conversem mais com os alunos, ouçam seus desejos e anseios, se aproximem e isso faz com que sejam mais queridos e desejados. São os professores de Artes e educação Física. Entre os Professores o que faz com que um se destaque penso que são as atitudes mais humanas, solidariedade e também o tempo de convívio faz com que alguns se aproximem mais e outros se destaquem.

Em se tratando dos menos populares relata que acontece “o inverso da questão anterior: são os professores das disciplinas mais cobradas como Língua Portuguesa e Matemática geralmente os menos queridos e justamente por serem disciplinas com maior carga horária e muito exigidas no currículo”.

É possível perceber que os educadores não estão passíveis ante todas as transformações sociais. Não são e não estão neutros, alheios aos mandos e desmandos do capital, tornando-se assim insensíveis às necessidades de crianças e jovens que vão às escolas em busca de uma vida melhor. Mas, infelizmente, muitas vezes seus esforços se esbarram num sistema que visa o lucro, que deseja apenas trabalhadores capacitados e pouco reflexivos.

OS ALUNOS DA ATUALIDADE

É visível, esperado e notório nossos alunos têm mudado muito, como diziam os mais antigos: “os tempos são outros”. Outra organização e entendimento da família, outras tecnologias, tudo é muito mais rápido e infelizmente nem tudo acompanhou essa explosão de evolução. A exemplo disso têm a organização do trabalho escolar e como consequência dessa “falta” de acompanhamento dos tempos temos o crescente desrespeito ao professor que segundo relato daqueles que estão em sala de aula, tem se agravando a cada dia.

As condutas dos alunos põem em entredito nossos poderes e saberes, nossas autoimagens doentes. E de maneira radical. Na raiz. Há motivos para perplexidades. Na nova relação com os alunos fica instalada uma nova relação com nós mesmos. Aprendemos e nos aprendemos. As tensões e medos são legítimos. Tensões que partem do choque com as condutas dos alunos, mas que tocam nas raízes mais funda de nossa docência. (ARROYO, 2004, p.37).

É preciso reconhecer que houve muitos avanços em relação à educação não apenas no Brasil como em toda a América Latina, porém continuamos por registrar elevados índices de analfabetismo, evasão e principalmente a falta de gosto do aluno pelo espaço escola. E essa falta de “criatividade” do profissional docente em utilizar novas metodologias que vão ao encontro do interesse dos educando, talvez seja a maior responsável pelos baixos índices que temos visto registrados. Então volta-se para a necessidade de repensar o espaço escolar, uma nova escola (LIBÂNEO, 2007) transformando-a em um espaço prazeroso de busca, descobertas e redescobertas de outras possibilidades. O grande desafio é esse, a mudança de ideologia. É resignificar o olhar para a escola transformando-a em espaço democrático que respeite verdadeiramente as diferenças e onde o educando possa ser preparado para o enfrentamento da realidade exposta a ele.

Para compreendermos um pouco mais sobre nossos alunos atuais perguntamos à nossas entrevistadas: “Como se refletem as normas relativas ao comportamento apropriado para meninos e meninas naquilo que os professores dizem?”. A docente 1 acredita que, “umas crianças têm bom aproveitamento das normas e até se tornam outras crianças, outras, a dificuldade é grande, pois além de não terem limite na escola, em casa é pior, pois os pais não colocam regras e não mostram o sentido de valores da família”. Contudo a professora 3 pensa “que essa questão deveria ser muito mais forte dentro da família. A escola não tem o papel de educar e sim de complementar aquilo que vem de casa. Nessa perspectiva, vemos que a sociedade mudou hoje tudo é possível independente do sexo. É claro que é uma das funções da escola preparar a criança para exercer seu papel na sociedade e disso depende a maneira como é construído alguns conceitos. Vejo como importante a preservação de valores respeitando as individualidades, mas criando limites”.

Através das respostas, podemos ver que muitos pais deixam a responsabilidade de educar para os professores, deixando de lado o ensinamento que vem de casa, fazendo com que tal comportamento venha afetar a educação e os estudos de seus próprios filhos. O não acompanhamento dos pais com suas crianças na escola, muitas vezes acabam afetando o desenvolvimento escolar do mesmo. Família e escola tem que andar juntos para que nossas crianças possam virar bons cidadãos de bens.

CONCLUSÃO

Através deste estudo, concluímos que apesar dos avanços conquistados no decorrer da história, desde a chegada dos Jesuítas ainda a educação brasileira tem muito que percorrer. Para que consigamos que nossos professores saiam do Século XX e estejam preparados para atenderem às expectativas dos alunos do Século XXI a melhoria da educação passa pela questão da valorização que acaba sendo a mola mestra na desmotivação de alguns profissionais da educação.

A escola hoje, mais do que nunca, tem como papel diante da sociedade, propiciar ações para a efetivação dos direitos sociais. Neste contexto, o setor educacional tem o papel de possibilitar e de oferecer alternativas para que as pessoas que estejam excluídas do sistema possam ter oportunidade de se reintegrar através da participação, bem como da luta pela universalidade de direitos sociais e do resgate da cidadania.

No Brasil, têm-se várias legislações como a Constituição Federal de 1988, a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB de 1996 e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA de 1990, que garantem o direito à educação a criança e ao adolescente, direitos estes que precisam ser perseguidos por todos os profissionais que atuam no contexto escolar.

Um dos maiores desafios apresentados à escola atual é trabalhar com a reelaboração crítica e reflexiva do educando, a fim de prepará-lo para a luta e o enfrentamento das desigualdades sociais presentes na sociedade capitalista. Nesta ótica, a escola deve transcender o sentido de ascensão material, que é dado à educação, transformando-a não em só um meio de retorno financeiro, mas também em um instrumento de crescimento pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Raquel Lazzarini Leite (Org.) **Formação de Educadores. Desafios e perspectivas** São Paulo: UNESP, 2003.

BATISTA, A. S., ODELIUS, C. C. Infra-estrutura das escolas públicas In: Educação: carinho e trabalho. 1 ed. Petrópolis - Brasília : Vozes - CNTE, UnB, 1999, v.1, p. 161-173.

BOLOGNINI, C. Z. Discurso e ensino: o cinema na escola. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 2007. páginas 29 a 34.

CODO, Wanderley, SAMPAIO, José Jackson Coelho, HITOMI, **Alberto. Indivíduo, Trabalho e Sofrimento – Uma Abordagem Interdisciplinar.** Petrópolis: Vozes, 1993.

CODO, Wanderley (org.) . **Educação: Carinho e Trabalho. Burnout, a Síndrome da Desistência do Educador, que pode levar à falência da educação.** Petrópolis: Vozes, 1999.

CODO, Wanderley e GAZZOTTI, Andréa. **Trabalho e Afetividade.** In: CODO, Wanderley; (org.). Vozes. 1999. p. 48-59.

DOTTI, Corina. **Fracasso escolar e Classes Populares.** In: GROSSI, Esther e BORDIN, Jussara. A paixão de aprender. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 21-28.

ESTEVE, José Maria. **O mal estar Docente: A Sala de Aula e a Saúde dos Professores.** São Paulo, Edusc: 1999.

FREIRE, Paulo. **Virtudes do Educador.** Vereda Centro de Estudos em Educação

GAUTHIER, Clermont e MARTINEAU, Stéphane. **Imagens de sedução na pedagogia. A sedução como estratégia profissional.** In: Educação & Sociedade, ano XX, nº 66, Abril/1999. p. 13-54.

NÓVOA, Antonio. (Org.) **Profissão Professor.** Portugal: Porto Editora, 1995.

NOVOA, Antonio, POPKEWITZ. **Reformas Educativas e Formação de Professores.** Lisboa.
EDUCA. 1992

ANEXOS

Entrevista 1

1. De que é que os Professores se queixam?

R – Nos queixamos da desvalorização que temos como Professor, de Leis que faltam para nos amparar e com a falta de respeito que os governantes nos atendem.

2. O que é que eles enaltecem?

R – Gostamos muito de ensinar, ver como a criança se desenvolve com o nosso empenho, de estar com o outro e poder ajudar e a educar.

3. Como é que os Professores explicam os fracos resultados dos estudantes?

R - Os estudantes têm fracos resultados por vários motivos, um deles muitas vezes é a qualificação do conteúdo e preparo adequado do Professor, mostrando assim mais domínio no que está sendo apresentado.

4. Como é que os Professores explicam os bons resultados dos estudantes?

R - Tendo motivação e aplicando com êxito tudo o eu oferece para o estudante. E sim trazendo para dentro de sala de aula não só a teoria, mas sim a prática, a dinâmica e o companheirismo. E mostrando e trabalhando a realidade do aluno e não a irrealidade.

5. Será que os Professores têm alunos favoritos?

R – Sim, são os alunos que têm comportamento de ser mais afetivos com o Professor, os que necessitam de mais atenção em relação ao aprendizado, isso trás sem querer um favoritismo entre o Professor e o aluno.

6. Será que os Professores fazem distinção entre “o meu tempo” e o “tempo da escola”?

R – O tempo da escola é curto para o aprendizado, onde o Professor tem que se encaixar para obter melhor êxito na aprendizagem.

7. Como é que os Professores encaram as faltas por doença e as férias?

R – algumas vezes falta de interesse dos pais pela criança, falta sem justificativa e muitas vezes com comprometimento e preocupação da família em relação às férias e doenças.

8. Como é que os Professores definem um comportamento pouco profissional?

R – Aquele profissional com pouco interesse busca pouca qualificação, não vai atrás de se atualizar, não está constante crescimento e com a demanda que nossa profissão exige e nem comprometimento com os próprios alunos.

9. Será que as meninas são tratadas de forma diferente que os rapazes?

R – Não, pois cada aluno tem sua essência, tem uns mais difíceis e outros mais calmos e isso não diferencia o sexo da criança.

10. Existirão normas sobre aquilo que meninos e meninas podem fazer?

R – Sim, a escola tem regras e normas e as crianças têm que cumpri-las, para que o ambiente escolar seja favorável a todos.

11. Quais as representações de e meninos e meninas, homens e mulheres nos livros estudados?

R – Hoje em todo lugar, até a mídia estamos sendo alvos de jogo de marketing ou uma imagem maliciosa da figura humana, principalmente as mulheres que são alvos de troféus e cobiça em relação ao corpo.

12. Como se refletem as normas relativas ao comportamento apropriado para meninos e meninas naquilo que os professores dizem?

R – Umhas crianças têm bom aproveitamento das normas e até se tornam outras crianças, outras, a dificuldade é grande, pois além de não terem limite na escola, em casa é pior, pois os pais não colocam regras e não mostram o sentido de valores da família.

13. Quais os Professores mais populares da escola? O que é que parece fazê-los populares entre os Professores? E entre os alunos?

R – Aqueles que estão sempre se destacando nos trabalhos, nos conteúdos e até mesmo a simpatia e companheirismo que poucos têm, e muitas vezes ser parceiros dos colegas e sempre estas juntos.

14. Quais os Professores de quem menos se gosta na escola? Por que razões?

R – Tem Professores que são mais na deles, não compartilha seus saberes e conhecimentos com os outros, têm dificuldade em se relacionar, nunca gostam de novidades muito menos de métodos diferentes. Faz a sua parte e nunca se dos para os colegas de trabalho.

ENTREVISTA 2

RESPOSTAS:

- 1) Das salas lotadas, da falta de apoio dos governantes e da desvalorização da classe
- 2) O fato de ver o aluno feliz ao conseguir alcançar as metas propostas pelo professor, a evolução e crescimento dos alunos e o carinho recebido pelos mesmos.
- 3) A falta de apoio pedagógico mais estruturado na maioria das escolas, e o compromisso dos pais no auxílio de seus filhos.
- 4) Os bons resultados se dão pelo fato da dedicação de cada professor em buscar por conta própria diferentes métodos e aperfeiçoamento anizar para auxiliar na sua disciplina.
- 5) Eu particularmente não, mas tem professores que sim, eu vejo cada aluno como uma pessoa especial com seus defeitos e qualidades, afinal ninguém é igual.
- 6) Acho que sim, por isso é importante planejar e se organizar.
- 7) Todos precisam de um descanso e as férias é importante tanto para os alunos quanto para os professores. E a falta por doença ninguém é imune a tudo somos seres humanos.
- 8) Quando vejo alguém rotulando um aluno, ou só destacando o lado negativo daquele ser, ou também o descaso de alguns colegas no empreendimento com seus alunos.
- 9) Sim, em alguns aspectos porque mesmo havendo a tal igualdade de expressão os sexos sempre serão opostos.

10) Isso sempre haverá porque a sociedade por mais que evolua nunca irá igualar o homem a mulher ou vice-versa.

11) A mulher em si, acabou perdendo seus valores na mídia, ela virou alvo de desejo sexual e o homem é o senhor todo poderoso, portanto entendo que está se perdendo os valores.

ENTREVISTA 3

De que é que os Professores se queixam?

R – O principal motivo de queixa dos professores é a desvalorização profissional e o salário. Na sequência está a indisciplina dos alunos e a falta de estrutura escolar.

O que é que eles enaltecem?

R – Geralmente fica bastante contente quando vê seus alunos progredindo nos estudos e demonstrando seus conhecimentos, pois é o resultado de seu trabalho.

Como é que os Professores explicam os fracos resultados dos estudantes?

R – Vejo que muito raramente os Professores se atribuem qualquer responsabilidade pelo fracasso de seus alunos. O comum é que eles não querem nada, os pais não acompanham e não educam, a escola não tem estrutura, a sociedade e o governo também são causadores desse fracasso.

Como é que os Professores explicam os bons resultados dos estudantes?

R – Aos bons resultados são explicados pelo acompanhamento dos pais, pelo fato de serem muito bons no desempenho de suas atividades docentes. Principalmente pela educação que este aluno recebe em casa.

Será que os Professores têm alunos favoritos?

R – O Professor é ser humano e como tal está sujeito a suas predileções. Claro que quase sempre essa predileção fica oculta. Mas existem sim, alunos que são mais queridos.

Será que os Professores fazem distinção entre “o meu tempo” e o “tempo da escola”?

R – Se esse profissional é uma pessoa atualizada, que gosta do que faz que respeite seus alunos é claro que vai saber administrar bem os tempos de cada um.

Como é que os Professores encaram as faltas por doença e as férias?

R – Penso que com naturalidade. As duas faltas são ocasionadas independente da vontade da criança então acredito que são respeitadas.

Como é que os Professores definem um comportamento pouco profissional?

R – Em minha opinião o comportamento pouco profissional é o que não respeita o outro, não trabalha dentro da formação humana reconhecendo que cada um é um ser diferente com seus limites e necessidades. Então não é bom profissional aquele que não respeita o outro, não tem ética.

Será que as meninas são tratadas de forma diferente que os rapazes?

R – Penso que não. Já ultrapassamos essa fase. Hoje é muito clara a questão dos direitos, da não discriminação e do respeito pela vida e maneira de viver de cada um e acredito que o Professor desenvolveu-se muito bem em relação a isso.

Existirão normas sobre aquilo que meninos e meninas podem fazer?

R – Acredito que pela própria estrutura física de meninos e meninas deva existir algum tipo de diferenciação em alguns aspectos, entre aquilo que meninos e meninas podem ou não fazer, mas penso que dentro de uma lógica e respeitando as individualidades.

Quais as representações de meninos e meninas, homens e mulheres nos livros estudados?

R – Até algum tempo era muito forte a questão da imagem feminina nas propagandas e até nas questões educacionais. Víamos nos livros didáticos, por exemplo, um modelo de família que aos poucos vai deixando de ser a base da família comum. Porém não sinto como fator preponderante as representações que são apresentadas, penso que ficou para um segundo plano haja vista que se fala tanto em respeito as diferenças, diversidades etc., acredito que isso vem sendo superado.

Como se refletem as normas relativas ao comportamento apropriado para meninos e meninas naquilo que os professores dizem?

R – Penso que essa questão deveria ser muito mais forte dentro da família. A escola não tem o papel de educar e sim de complementar aquilo que vem de casa. Nessa perspectiva, vemos

que a sociedade mudou hoje tudo é possível independente do sexo. É claro que é uma das funções da escola preparar a criança para exercer seu papel na sociedade e disso depende a maneira como é construído alguns conceitos. Vejo como importante a preservação de valores respeitando as individualidades, mas criando limites.

Quais os Professores mais populares da escola? O que é que parece fazê-los populares entre os Professores? E entre os alunos?

R – O mundo mudou, muda freneticamente, porém a escola não mudou. Continuamos querendo que nossos alunos sejam apenas recebedores daquilo que definimos como necessário e importante. Isso faz com que o ambiente escolar, na maioria das vezes, seja um lugar não muito atraente. A postura da maioria dos colegas Professores também costuma ser um pouco difícil. Geralmente estão estressados, apressados o que impede que tratem seus alunos com um pouco mais de “humanidade”. Acontece que temos duas categorias de Professores que são vistos como os mais legais, pois suas aulas são bem leves, mais interessantes, com brincadeiras, descontração, menos cobranças possibilitando que conversem mais com os alunos, ouçam seus desejos e anseios, se aproximem e isso faz com que sejam mais queridos e desejados. São os professores de Artes e educação Física. Entre os Professores o que faz com que um se destaque penso que são as atitudes mais humanas, solidariedade e também o tempo de convívio faz com que alguns se aproximem mais e outros se destaquem.

Quais os Professores de quem menos se gosta na escola? Por que razões?

R – O inverso da questão anterior. São os professores das disciplinas mais cobradas como Língua Portuguesa e Matemática geralmente os menos queridos e justamente por serem disciplinas com maior carga horária e muito exigidas no currículo.